

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

**OS CONTOS DE FADAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO DIANTE DAS
QUESTÕES DA PRIMEIRA INFÂNCIA¹
FAIRY TALES AS A THERAPEUTIC RESOURCE BEFORE FIRST CHILD
ISSUES**

Fernanda Espindola Allegretti²

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Regional Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

² Bacharela em Psicologia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Pós Graduada em Justiça Restaurativa e Mediação na Unijuí.

RESUMO

Os contos de fadas permeados pela visão social, são entendidos como simples histórias de entretenimento para crianças, contudo mediante ao olhar da psicologia essas histórias têm função terapêutica, onde os contos são utilizados pelas crianças como representação de suas questões, vivendo-as no imaginário para dar conta do que ocorre no real. O presente trabalho visa compreender o surgimento dos contos de fadas e a forma com que as relações familiares são representadas nas histórias.

ABSTRACT

Fairy Tales permeated by social vision are understood as simple stories of entertainment for children, however through the look of psychology, these stories have a therapeutic function, where the tales are used by children as representation of their issues, living them in the imaginary for realize what happens in the reality. This paper aims to understand the emergence o fairy tales and the way family relationships are represented in the stories.

Palavras-chave: Contos de fadas; Primeira Infância; Psicologia.

Keywords: Fairy Tales; First Child; Psychology.

INTRODUÇÃO

Os contos de fadas ao olhar da sociedade mostram-se como histórias de entretenimento para crianças, contudo, sob o olhar da psicologia essas histórias têm função terapêutica. Isso porque, na verdade, elas carregam em si uma longa jornada histórica. Nelas estão contidas as representações das experiências vividas pelos mais diversos povos que existiram ao redor do mundo, com as quais as crianças se identificam.

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender a função terapêutica dos

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

contos de fadas, principalmente para crianças pequenas. Como objetivos específicos se pretende fazer uma retomada histórica do surgimento dos contos de fadas e verificar como as questões simbólicas das crianças aparecem nos contos e como eles podem ser utilizados como terapêuticos.

Cabe destacar que neste estudo optou-se por trabalhar as questões referentes às crianças pequenas, indo de seu nascimento e passando pelo desmame e desenvolvimento sexual infantil, visando compreender as problemáticas deste primeiro momento da vida onde a relação com os pais é o centro da vida, sem haver príncipes e amores que fazem sofrer.

1. ETIMOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS

O conto de fada é caracterizado por apresentar ao leitor/ouvinte elementos mágicos e encatadores como fadas, elfos, bruxas, sereias, anões e gigantes. Buscando a etimologia das palavras, segundo Pereira e Lemos (2013, p. 7) o termo conto vem do latim *computare*, se referindo a relatar uma história; já a palavra fada vem de *fatum* (latim), que significa destino. Machado (2012, p. 28) em seus estudos aborda outras linguagens para buscar a fundo o significado da palavra fada: “nas línguas românicas - *faee* (francês), *hada* (espanhol) e *fata* (italiano) - remontam à palavra feminina *fata*, do latim, variante de *fatum* (fado), que se relaciona à deusa do Destino”.

Geralmente os contos ocorrem em tempo indeterminado, podendo assim se adequar a qualquer momento histórico, sendo esta uma das razões de sua permanência, já que por ser atemporal, crianças de todos os períodos históricos conseguem identificarem-se e adentrarem em seus acontecimentos. Em função disso, o termo “era uma vez” faz-se importante no início dessas histórias.

Os contos são formados como imagens de um caleidoscópio, o que muda são as posições dos elementos. Certos arranjos particularmente felizes por equilíbrio, beleza e força, cristalizam e formam algumas dessas narrativas que hoje conhecemos como as nossas histórias clássicas. (CORSO e CORSO, 2006, p. 28)

Os contos de fadas diferenciam-se de outras histórias infantis devido às suas características literárias. Possuem em seu núcleo um problema existencial em que o herói busca realização pessoal, só atingindo-a a partir de provações e obstáculos a serem ultrapassados. É a partir da travessia feita pelo herói em sua jornada que o sujeito identifica-se com ele, podendo colocar-se em seu lugar e compreender as dificuldades por ele ultrapassadas. A partir dessa identificação com o herói o leitor é capaz de se colocar dentro da história e vivê-la.

Segundo Falconi e Farago (2015, p. 2) os contos de fadas “cumprem a função de expor a criança a situações que provocam desejos, curiosidades e medos, possibilitando que participem de problemas vinculados à realidade, como: conflitos entre mães e filhos, carência afetiva, entre outros”. Ainda segundo as autoras, o conto deve prender a atenção, despertar a curiosidade da criança e estimular o imaginário, pois assim poderá contribuir para o desenvolvimento intelectual além de organizar as emoções e contribuir para que a criança consiga encontrar meios de

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

solucionar seus conflitos internos.

A narrativa se mostra importante na apresentação do conto, pois é a partir dela que a criança começa a enriquecer seu vocabulário, além de conectar-se com seus sentimentos mais profundos. A narrativa oral quando bem construída, é capaz de inserir a criança na história, o que por vezes não é feito quando o responsável apenas lê o livro, sem se empenhar em dar significado à história. O conto não deve ser utilizado apenas para entreter a criança ou mantê-la quieta. Assim, seu narrador tem papel fundamental para o bom entendimento da história a ser passada. Por isso, nas sociedades mais antigas o papel de narrador era visto com grande importância e respeito dentro das comunidades. Infelizmente esta prática foi se perdendo com o passar dos anos e a com a modernização social.

O fato de essas histórias serem apresentadas inicialmente de forma oral, já que a sociedade em seus primórdios não possuía outras maneiras de comunicação além da oralidade, impede que seja possível descobrir com exatidão o surgimento dos contos e a situação social em que os povos encontravam-se ao criarem estas histórias.

A arte da narrativa é uma das mais antigas práticas do homem e está presente em todas as civilizações. Desde o surgimento da linguagem é provável que já existisse algum tipo de relato, uma troca de informações, fazendo uso não só da palavra como também de sons, gestos e mímicas. Mais tarde, a linguagem se tornou cada vez mais elaborada à medida que o pensamento humano foi crescendo em complexidade. (MACHADO, 2012, p. 24)

Segundo Pereira e Lemos (2013, p. 3) nos escritos de Platão é possível observar que as mulheres idosas contavam histórias para auxiliar na educação das crianças, sendo esta uma hipótese bastante aceita, pois tem ligação com a imagem dos contos atrelada a avó contadora de histórias.

Desta forma reitera-se que

Por ocasião da sua permanência no lar junto aos filhos e netos pequenos, as mulheres teriam se tornado as grandes guardiãs da memória familiar e da comunidade em que viveram e dessa forma a função de contadoras de histórias perpetuou-se em gerações de mães, avós e bisavós. (MACHADO, 2012, p. 24)

A sociedade sempre utilizou de seres mágicos para justificar acontecimentos inexplicáveis ou situações fora do entedimento da época e a contação de histórias surge quando o homem não consegue utilizar a razão para explicar a seus semelhantes acontecimentos relacionados a forças maiores, como a natureza, e utiliza do mito e da narrativa para buscar compreensão referente a esses fenômenos. Dessa forma, é possível entender a criação dos mitos nas sociedades primitivas. Machado (2012, p. 20), ao citar os estudos de Neil Philip (2009), "explica que antigamente diziam que os seres fantásticos eram na verdade espíritos descendentes dos filhos de Eva" que, a fim de

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

mantê-los vivos, lhes escondeu de Deus, e que dessa forma eles seriam uma raça extinta e, por isso, carregariam sentimentos de vingança em relação aos seres humanos e deveriam ser temidos e respeitados por aqueles que os vissem.

Ainda existem divergências sobre as origens dos contos e onde estes surgiram, pois seus registros existem nas mais diversas culturas. Alguns autores citam a Grécia antiga e o mito como percursos destas histórias, outros, afirmam que os contos de fadas são de origem celta e que apareciam inicialmente em forma de poemas. Outros ainda trazem a corte francesa como berço dos contos de fadas, onde eram utilizados para entreter os membros da alta sociedade.

Como já mencionado, os contos em suas versões originais não eram destinados às crianças, pois em outros tempos não havia preocupação com o seu desenvolvimento e viviam nas mesmas condições de seus pais. Embora haja relatos de seres fantásticos nas histórias das mais antigas sociedades, os contos, inicialmente possuíam caráter violento, contendo cenas de incesto, morte, adultério, canibalismo e cenas provenientes do imaginário adulto e, como descrevem Schneider e Torossian (2009), geralmente, as narrações ocorriam em campos de lavouras, reuniões sociais, nas salas de fiar, casas de chá, nas aldeias ou nos demais espaços em que os adultos se reuniam.

À noite depois de muito trabalho, todos sentavam em roda e inventavam ou ouviam histórias, pois ao fazer esta roda observavam as dificuldades e obstáculos que os heróis precisavam viver e passar. Além disso, eles observavam que os finais eram sempre felizes, mesmo a realidade sendo difícil. Os contos de fadas os ajudavam, oferecendo oportunidade de expressarem seus sentimentos, aliviando-os de uma tensão interna e também os tornando livres de certos sentimentos. (FALCONI E FARAGO, 2015, p. 9)

A sociedade utilizou dos contos para controlar os sujeitos e ensinar a estes desde muito novos aquilo que é certo e errado, o que deve permanecer no íntimo e como os membros devem comportarem-se perante o social, deixando os ancestrais e suas histórias contadas ao redor de fogueiras cada vez mais no esquecimento, substituindo-as por novos costumes, crenças e paradigmas. Assim surge a preocupação com a moral e a educação infantil e entende-se que as crianças devem ser protegidas de conteúdos impróprios, como conteúdos sexuais e afins. Seria necessário ensinar-lhes bons valores para que viessem a se tornar adultos decentes e de boa índole. Os contos de fadas eram perfeitos para que as crianças fossem ensinadas sobre aquilo que a sociedade desejava, sem que elas fossem retiradas de seu meio infantil para obter conhecimento.

Era-lhes inerente uma moral educadora, conservada desde as suas origens como mitos admonitórios, que poderia ser facilmente convertida em disciplina familiar (a importância de obedecer aos pais, desconfiar de estranhos e evitar o caminho da floresta). Além disso, a tradição oral tinha como vantagem a maleabilidade das narrativas - os desfechos de

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

certos personagens podiam ser alterados no meio do desenvolvimento da história de acordo com o gosto e a maturidade dos ouvintes. (CARVALHO E RODRIGUES, 2015, p. 3)

As crianças apegam-se às histórias e, a partir delas, conseguem criar um ambiente confortável no mundo da imaginação, no qual sente-se seguras. Elas usam as histórias como “[...] era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados” (Corso e Corso, 2006, p. 29).

Conforme apresentado, foi a partir do surgimento da infância que os contos começam a se encaixar nos moldes que conhecemos atualmente e verifica-se que a ficção desempenha grande papel durante o processo de desenvolvimento infantil.

2.1 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES NOS CONTOS DE FADAS

No início da vida é comum sentir-se desamparado e confuso, pois o cuidador^[1] por vezes não consegue compreender totalmente a mensagem passada pelo bebê. É necessário que este a interprete da melhor maneira possível, porém, esta interpretação caberá ao seu intérprete, não sendo excluída a possibilidade de ser modificada e compreendida conforme a subjetividade do sujeito. O choro de fome, por exemplo, pode ser entendido como sendo de frio e a criança começa a perceber que é preciso adequar-se ao ambiente em que está situada.

Como citam Corso e Corso (2006) a criança luta para encontrar e construir seu lugar no mundo, porém, a partir deste “não pertencimento”, poderão surgir diversas fantasias na mente infantil, que são bem exemplificadas por alguns contos expostos ao longo da pesquisa. Os autores abordam a questão do abandono e da criança deslocada, que busca encontrar no seio familiar um lugar aconchegante e de segurança, para que assim consiga passar por momentos de dificuldade com a certeza de que haverá alguém para amparar-lá, o que não se concretiza nos contos citados e nem na vida de diversas crianças ao redor do mundo.

Essas histórias são do agrado das crianças bem pequenas. São tramas sem dramas amorosos, nem bruxas vingativas. O que as crianças precisam, ao se inaugurar no mundo, é de um lugar aconchegante onde possam sentir-se bem-vindas. Patinho Feio passa toda a sua infância numa espécie de exílio e Cachinhos Dourados se desencontra com os objetos da casa dos ursos, dos quais esperaria obter algum bem-estar. Esses personagens nos lembram que não é fácil chegar ao mundo, começamos aos berros, e o desamparo ameaça-nos por um bom tempo. As crianças e suas famílias têm colaborado para a preservação dessas histórias centenárias porque elas são um retrato das primeiras lágrimas, daquilo pelo qual choramos antes, muito antes, de saber o significado do amor. [...] A jornada desses pequenos heróis, o patinho e a menina, é mais interior do que exterior. O primeiro luta contra o desamparo e a

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

desesperança, a segunda busca seu lugar numa casa, numa família.
(CORSO E CORSO, 2006, p. 32)

Ao se analisar os contos de fadas, percebe-se que em sua maioria existe a luta entre herói e vilão, contudo, nas histórias destinadas as crianças pequenas por vezes esta batalha se torna inexistente e desnecessária, já que no início da vida, ainda não se travam batalhas contra um sujeito específico, mas sim contra o ambiente estressor, onde existe o frio, a fome e o medo. Essas situações, segundo Winnicott (1988) seriam provenientes da mãe insuficientemente boa que, ao contrário da mãe suficientemente boa [2], não conseguiria se conectar de forma rudimentar com seu bebê. Sendo assim, não seria capaz de identificar os diversos tipos de choro para compreender o que a criança deseja e, assim, satisfazê-la.

Segundo o mesmo autor, “a mãe tem um tipo de identificação extremamente sofisticada com o bebê, na qual ela se sente muito identificada com ele, embora, naturalmente, permaneça adulta” (1988, p. 9). A criança em seu estado primitivo, ainda fora da linguagem, comunica-se com o meio através de seu corpo, sendo assim, quando o ambiente é estressor o bebê acaba por deparar-se com uma ansiedade inconcebível e de caráter eliminatório, ou seja, interpreta o ambiente como aniquilador do eu, porém, esta ansiedade é quase inexistente quando a criança recebe os cuidados comumente esperados de uma mãe.

Cachinhos Dourados exemplifica a história da criança descontente com seu ambiente, pois nada lhe serve adequadamente e ao seu redor as coisas modificam-se com uma rapidez assustadora. Assim como os bebês, Cachinhos Dourados busca amparo em uma casa totalmente estranha, onde se encontra sozinha e fora de seu ambiente. Nesse novo lugar a comida é inadequada, ora muito fria, ora muito quente, e as cadeiras e as camas são desconfortáveis.

Segundo Corso e Corso (2006, p. 38) “frequentemente as crianças sentem como vindo de fora o que estão vivendo por dentro. Elas projetam seus sentimentos em pessoas e o objetos do mundo externo, sem a mínima noção de seu envolvimento.

Essa personagem talvez possa propiciar uma representação para a situação do filho caçula, que já encontra uma família pronta e não sabe onde se encaixar. Mas também serve para o filho mais velho, cujo lugar foi usurpado pelo recém-chegado bebê, que tem direito ao berço no quarto dos pais (a cama), ao seio (o prato) e a um aparente lugar junto ao casal que se recolhe hibernante, como ursos, em volta do novo bebê. O mundo não está no seu feitio, a comida não é a que ele quer e seu lugar na casa sofre inexplicáveis alterações. (CORSO E CORSO, 2006, p. 38)

É importante ressaltar que as questões referentes à fome, oralidade, questões da sexualidade infantil e a representação dos pais estão presentes no decorrer das histórias, além do abandono e o desamparo estão presentes na maioria das histórias infantis, porém, questões que fazem referencia a dinâmica familiar também tem papel fundamental durante este período, já que irão acompanhar este sujeito durante toda sua vida, deixando marcas, estas que por vezes poderão se problematizar ao longo do caminho, fazendo com que seja necessário durante a infância algo em

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

que a criança possa se apoiar, podendo encontrar conforto nos contos de fadas.

Como já citado anteriormente, a fome se faz presente diariamente na vida de milhares de pessoas ao redor do mundo, o que faz com que esse seja um tema recorrente nas histórias infantis, como em João e Maria e em O Pequeno Polegar. Nessas histórias pode-se observar que, por não existir o sentimento de infância, parecia lógico aos pais que ao passarem fome e outras necessidades, livrassem-se primeiro das crianças, assim como dos idosos, já que estes não conseguiam auxiliar de forma tão eficaz no trabalho e, por isso, eram vistos como um “peso”, já que só comiam e não ajudavam nos afazeres diários.

A diferença entre João e Maria e O Pequeno Polegar é que na primeira a madrasta manda as crianças embora, convencendo o pai a concordar com ela. Já em O Pequeno Polegar, quem desempenha esse papel é o pai, que segundo Corso e Corso (2006, p. 42), diz a sua esposa as seguintes palavras: “Você está vendo que não podemos mais alimentar nossos filhos. Não tenho coragem de vê-los morrer de fome diante dos meus olhos, estou resolvido a levá-los amanhã à floresta e deixa-los lá, perdidos, o que não é difícil fazer”.

Os pais não se preocupam se eles conseguirão sobreviver sozinhos, o que importa é que não voltem, se morrerem ou viverem dá no mesmo. Nesse conto, a vontade paterna é manifesta, mas cremos que existe outro que, embora velado, discursa mais sobre o quanto os filhos atrapalham a vida de um casal. Trata-se de O Flautista de Hamelin, uma história europeia que nos mostra a vontade dos adultos de se livrar desses pequenos seres que tanto comem e só atrapalham. (CORSO E CORSO, 2006, p. 49)

Nas histórias infantis a madrasta, assim como a fada madrinha estão constantemente presentes. Isso se dá devido ao fato de estas serem diferentes representações da maternidade[3]. Corso e Corso (2006, p. 111) explicam que “o dom da fada madrinha - o mesmo valendo para suas similares - na verdade é simples: restituir algo que uma filha já teve, quando era objeto do olhar materno apaixonado de que os pequenos se nutrem”. Por isso, nos contos, após a madrasta tecer maldades contra o herói/heroína, a fada madrinha vem para acalmar a situação e mostrar que há esperança, como ocorre na infância, em que a mãe desempenha o papel daquela que diz “não” à criança, despertando nela os sentimentos de raiva e afins, porém, a criança procura na mãe o conforto após ser magoada pela mesma.

A fada madrinha vem para convocar a lembrança da mãe da primeira infância, aquela que era quase “perfeita”, do tempo em que a mãe vivia para o filho, sendo ele o centro das atenções, eles eram um só e viviam em seu próprio mundo. Com o desenvolvimento e a volta da mãe a sua rotina normal, ocorre a quebra desse momento simbiótico e é aí que a criança começa a perceber as falhas da mãe, esta não sendo suficientemente boa e fazendo com que o imaginário infantil a transforme numa bruxa causadora de todos os problemas do mundo.

A boa mãe ou a fada sempre desempenham o papel de personagem temporário nas histórias, pois,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

assim como todas as mães, não é possível que estas personagens boas existam o tempo todo durante a vida da criança. A madrasta e a boa mãe nunca aparecem juntas na mesma cena, justamente por esta razão. As boas mães e as fadas vêm para acalmar o sofrer da criança e dizer belas palavras, segundo Corso e Corso (2006, p. 111), “seu poder é temporário, a mãe logo desaparece, ao contrário da madrasta”.

Subjetivamente falando, a mulher do pai não é a mesma pessoa que a mãe. A mãe é aquela que supostamente se completa com os filhos, que tem neles sua prioridade e jamais deseja sua ausência. A mulher do pai tem uma história de amor a viver, que exige tempo, dedicação, e pode se superpor em importância a suas majestades os bebês. A mulher do pai é a madrasta dos filhos, aquela para quem o casamento está em primeiro lugar, mesmo que seja a legítima mãe deles. Nesse sentido, o pai pode ser também colocado nesse lugar de preferido, em detrimento dos filhos que se sentirão injustiçados. A madrinha é a representante do efeito benéfico das lembranças de uma infância onde houve um vínculo amoroso com a mãe. Sendo assim, toda mãe tenderá a ser mãe, madrasta e madrinha ao mesmo tempo. [...] A inveja da mãe é tão importante quanto o desejo do pai, eles sinalizam que em casa a filha já pode ser considerada uma mulher, ou pelo menos um bom protótipo. E com esses elementos que uma jovem se autoriza a cativar outros olhares. (CORSO E CORSO, 2006, p. 113)

Retomando à história de João e Maria, vê-se a madrasta (assim como todas elas em suas histórias) incomodada com a presença das crianças. De acordo com Corso e Corso (2006), a madrasta (ou a mãe) ao mandar as crianças embora, já possui a ideia de que estas irão virar refeição de alguém, dando a entender que esse “alguém” não seriam na verdade animais famintos, mas “outra mulher perversa, uma bruxa - provavelmente outra face da própria madrasta” (p. 41). É somente no desenrolar da história de João e Maria que se consegue fazer a conexão entre a bruxa e a madrasta.

As questões familiares se fazem presentes em basicamente todas as histórias infantis, principalmente naquelas que desejam alcançar as crianças menores, quando ainda não se colocam questões relacionadas ao amor que não seja o dos pais. Nesses contos há diversas referências ao abandono, à expulsão e a falta de amor dos pais para com os filhos. Corso e Corso (2006) esclarecem que durante o processo de desenvolvimento as perdas se dão à medida que a criança cresce e começa a se distanciar dos pais, quando já não é mais um bebê e, assim, não possui mais atenção integral. “A independência conquistada pelo filho seja vivida como abandono por parte dos pais, já que é muito difícil, neste momento, se reconhecer como autor da própria história.” (p. 43)

João e Maria jamais admitiriam que gostariam de ter saído de casa, que ansiavam os mistérios da floresta. [...] Não fosse a fome e a expulsão,

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

jamais saíam. Aí que está o engano, o mais comum é as crianças se lançarem à floresta, mas acusando os pais de tê-las expulsado de casa e dizendo que ali passavam fome. Nas histórias de fadas, é muito comum uma temporada na floresta, significando o mundo externo, o fora de casa, que invariavelmente se iniciará como uma expulsão ou com a fuga de uma condenação à morte. Há muitas mortes ao longo do crescimento, cada nova etapa obriga o ser humano a ver morrer aquilo que ele era e a família que servia àquela modalidade de relação. (CORSO E CORSO, 2006, p. 44)

É necessário compreender que as crianças desejam conhecer o mundo ao seu redor, que não conhecem devido a estarem vivendo na bolha maternal. É comum que as mães desejem proteger os filhos, por temerem que algum mal os acometa, mas a criança, durante o processo investigatório do mundo ao seu redor, deseja sair da proteção parental e conquistar suas próprias histórias.

Corso e Corso (2006, p. 44) citam que quando a criança é colocada em posição de “engenhá-la” para atingir aquilo que deseja, é sinal de que os pais/responsáveis não estarão mais fazendo isso por ela em tempo integral, o que se diferencia do tempo anterior onde a dinâmica era completamente diferente. Sendo assim, “neste momento (às vezes pelo resto da vida), ser atendido é uma forma primitiva de ser amado, trabalhar para cuidar-se e abastecer-se evoca uma forma de solidão”.

Em relação ao desenvolvimento infantil, é necessário ressaltar que, como esclarecem Corso e Corso (2006, p. 44), “a primeira forma de decodificar o mundo é oral: chupar, lamber e sugar são meios privilegiados de conhecimento e satisfação”. Nesse sentido, a curiosidade da criança começa a fazer com que ela busque outras formas de satisfação para além da boca, o que é definido por Freud (1996) como desenvolvimento sexual infantil. A seguir serão expostas as duas fases do desenvolvimento sexual, que perpassam por diversas áreas do corpo infantil, incluindo a boca e o ânus. É importante explicá-las brevemente, já que estão contidas nas histórias infantis e estão diretamente ligadas à relação com a mãe para as crianças pequenas.

A primeira fase é o estágio oral, em que a zona erógena é a boca e ocorre do nascimento até o primeiro ano da vida da criança (podendo haver alterações). Esta se dará principalmente pelo ato de *chuchar* [4], o qual, segundo Freud (1996, p. 169), “consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição”.

A segunda fase é o chamado estágio anal, que ocorre de um aos três anos, em média. Segundo Freud, o ânus é uma zona erógena que mantém-se assim durante toda a vida do sujeito: “os distúrbios intestinais tão frequentes na infância providenciam para que não falem a essa zona excitações intensas” (p. 175). Na fase anal começa a surgir na criança a dúvida relacionada ao nascimento, pois, ao ver suas fezes deixando o corpo, ela questiona-se se os bebês também utilizam da mesma saída. Freud (1996, p. 177) explica que as fezes transformam-se na questão

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

“bebê”. Já que ao comer, o alimento busca a saída pelo ânus, a criança imagina que a mãe engole algo, podendo utilizar-se do exemplo “semente” e então nasce o bebê, pelo ânus.

A ameaça trazida para suas condições existenciais pela chegada conhecida ou suspeitada de um novo bebê, assim como o medo de que esse acontecimento traga consigo a perda de cuidados e de amor, tornam a criança pensativa e perspicaz. O primeiro problema de que ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, não é a questão da diferença sexual, e sim o enigma; de onde vêm os bebês? [...] Muitas pessoas recordam com clareza a intensidade com que se interessaram, no período pré-púbere, pela questão da proveniência dos bebês. As soluções anatômicas então concebidas foram dos mais diversos tipos: eles sairiam do seio, ou se recortariam do ventre, ou o umbigo se abriria para deixá-los passar. Fora da análise, é muito raro haver lembranças de uma investigação correspondente nos primeiros anos da infância; há muito ela sucumbiu ao recalçamento, mas seus resultados são uniformes: os filhos chegam quando se come determinada coisa (como nos contos de fadas) e nascem pelo intestino, como na eliminação de fezes. Essas teorias infantis fazem lembrar condições existentes no reino animal, sobretudo a cloaca dos tipos de animais inferiores aos mamíferos. (FREUD, 1996, p. 183-184)

Sendo assim, podemos observar que as questões do nascimento estão estritamente ligadas ao medo de ser engolido nas crianças pequenas. Pode-se ver estas duas questões presentes em histórias como João e Maria, O Lobo e Os Sete Cabritinhos, Chapeuzinho Vermelho e Os Três Porquinhos, onde o perigo se faz na figura do lobo que engole as crianças e a avó. Embora João e Maria não tenham sido comidos, a ameaça é eminente. Existe uma figura (o lobo ou a bruxa) que poderá se apropriar das crianças. Corso e Corso (2006, p. 57) esclarecem que essas histórias “compartilham certa decodificação oral do mundo - dividida entre os que comem e os que são comidos -, que ainda persiste um bom tempo após o desmame”. Ainda os mesmos autores dizem que “o monstro não precisa ser uma figura feminina, porque ele não é a mãe, ele apenas deve ter um apetite insaciável e feroz como o do ogro. Depois de comidos, os filhos já não terão existência própria, farão parte do monstro” (p. 46).

A arma do lobo é sempre a boca, afinal, o sopro é uma força que provém dali e, de certa maneira, também a lábia em querer enganar vem do mesmo lugar. A boca cumpre múltiplas funções quando se é muito pequeno, além de fonte de saciedade, prazer e conhecimento, ela é uma espécie de portal. Os trânsitos que ainda restam entre o bebê e sua mãe, uma vez que a comunicação umbilical foi cortada, terão passagem prioritária pela boca. O olhar é uma fonte muito importante de vínculo. Em função do que vê, o bebê pode se tranquilizar - "que bom, mamãe chegou" - ou inquietar-se - "Perigo! Perigo! Ela pegou a bolsa, ela vai

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

sair!". Mas só aquilo que se engole é factualmente passível de ser possuído e controlado. (CORSO E CORSO, 2006, p. 57)

Há na história dos Sete Cabritinhos, da Chapeuzinho Vermelho e na versão antiga dos Três Porquinhos o relato de que o lobo devora os personagens principais, porém, na história dos porquinhos, um dos três irmãos consegue se salvar e assim resgata os outros, o que ocorre de forma semelhante em O Lobo e Os Sete Cabritinhos, com a única diferenciação de que por fim os cabritinhos são retirados da barriga do lobo e em seu lugar colocam-se pedras para que o lobo não perceba que os cabritinhos sumiram. Chapeuzinho Vermelho assemelha-se com a história na questão da cesariana feita no lobo, onde o caçador encontra o animal de barriga cheia após ter engolido a vovó e a Chapeuzinho e ao abrir a barriga do lobo consegue salvá-las intactas.

Uma palavra a mais é necessária sobre as pedras na barriga do lobo: preencher o lobo é como ter certeza de que sua fome será aplacada, nada mais caberá lá. Está bem, mas se tem também a encenação de uma gravidez masculina, o que também ocorre em Chapeuzinho Vermelho. [...] Essa "gravidez masculina" não funciona, pedra é algo inanimado e morto. Quando o lobo sofre uma "cesariana", o que sai é algo que já foi nascido antes, ele mesmo é estéril. A barriga de pedras já é uma tentativa da criança de diferenciar os sexos, entre as mulheres que carregam os bebês em seu ventre e os homens que não o fazem. Inicialmente, ela parte da premissa de que todos são iguais e podem fazer as mesmas coisas, logo gestar e parir seriam atributos comuns a ambos os sexos. (CORSO E CORSO, 2006, p. 47)

Estes contos por mais assustadores que pareçam, ao analisarmos suas possíveis significações, na verdade têm efeito contrário nas crianças, pois são tranquilizadores de certos sofrimentos que elas carregam em si, como já exemplificado anteriormente. Desta forma, os contos são utilizados como recurso terapêutico, pois conseguem fazer com que as crianças vivam seus sentimentos mais profundos por meio dos personagens, sendo estes os representantes fantasiosos das crianças, fazendo com que elas consigam enfrentar seus sofrimentos por meio do imaginário.

Sunderland (2005) diz que sentimentos necessitam ser bem digeridos ou, caso contrário, se manifestarão em forma de sintomas corporais, podendo no caso das crianças mostrar-se como comportamentos opostos ou destrutivos. Segundo a mesma autora, os sentimentos "podem nos trazer muita infelicidade porque a carga energética de sentimentos muito difíceis ou muito fortes não se vai com facilidade". (2005, p.15)

A criança, por ser um sujeito em formação, ainda não possui mecanismos de defesa capazes de administrar e de construir maneiras para que seja possível a ela compreender e passar por momentos de dificuldade. A criança não possui capacidade de entender completamente os sentimentos difíceis, de regular o nível de suas emoções ou de controlar como estas irão se manifestar. Sunderland (2005, p. 16) mostra que como consequência da falta de capacidade da

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

criança para lidar com os sentimentos, poderão surgir comportamentos tais como: comportamento agressivo, crueldade, enurese noturna, dificuldades de aprendizagem, pesadelos, distúrbios alimentares, obsessões, fobias, hiperatividade, ansiedade ou falta de concentração.

Segundo a mesma autora, as crianças não têm a linguagem cotidiana como natural. Para elas, a linguagem do sentimento se coloca através das imagens e metáforas, que são facilmente exemplificadas através dos contos, dos sonhos e do brincar. É através destas modalidades que a criança poderá de fato sentir que está expressando tudo aquilo que sente. (Sunderland, 2005)

Durante o processo por compreensão dos próprios sentimentos, a criança necessita de um adulto compreensivo e acolhedor, pois as crianças não falam sobre seus sentimentos com naturalidade. Sendo assim, quando ela se abre com um adulto é porque consegue confiar nesse sujeito e acredita que ele não irá tratar suas questões com descaso. Se houver descaso, gerará uma quebra de confiança, fazendo com a criança eventualmente se feche em seu mundo interior, havendo a possibilidade de quebra de confiança em relação aos adultos.

O uso da história reconhece que é limitado falar sobre sentimentos com crianças na linguagem cotidiana. A história fala as crianças num nível muito mais profundo e imediato do que a linguagem literal cotidiana. Falar sobre sentimentos na linguagem cotidiana é como andar em círculos. Isso acontece porque a linguagem cotidiana é a linguagem do pensamento, enquanto falar por meio de uma história, fazer uma encenação com bonecos ou fantoches, representar o que você quer dizer com barro, com uma pintura ou com uma cena na caixa de areia é usar a linguagem da imaginação. Essa é a linguagem natural da criança. (SUNDERLAND, 2005, p. 19)

A maneira encontrada pela criança para externalizar a carga de sentimentos que possui dentro de si se dá por meio da imaginação. Desta maneira, Sunderland (2005, p. 20. Grifo nosso) comenta que **“uma história é como sonhar acordado”**, pois, assim como na brincadeira, os sonhos são metáforas e, a partir deles, pode-se experienciar situações que coloquem o sujeito frente a frente com sentimentos intensos do passado, do presente e do futuro.

Gonçalvez e Braga (2015, p. 4), ao utilizarem das pesquisas de Guérin, consideram o conto de fadas como “um instrumento capaz de evitar uma desordem emocional na medida em que ele pode reter o retorno desse material “reprimido” e “ameaçador”, promovendo um processo de elaboração psíquica, evitando assim a “paralisação de sentimentos”. Sendo assim, uma história representa uma proposta de simbolização que, por meio de sua contação e apresentação para a criança, é possível que se torne uma “ponte” para que ela chegue, de fato, aos seus reais sentimentos.

Gutfreind (2010), ao referir-se aos efeitos terapêuticos das histórias, explica que estas carregariam representações arcaicas, possibilitando “pensar os conflitos e desenvolver capacidade

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

para lidar com as angústias. Habitar o mundo de fantasias é uma forma de refletir, simbolizar, criar novas histórias, brincar e experimentar”.

Ler ou ouvir contos pode significar, então, continuar pensando sobre nós mesmos, no momento em que entramos em contato com sentimentos e conflitos difíceis de serem suportados e que, sem esse filtro da narrativa, poderiam paralisar nossa capacidade associativa ou ainda nos causar sintomas.(GUTFREIND 2010, p. 146)

A história terapêutica se faz tão “compreensiva” para as crianças, justamente por não utilizar da linguagem formal cotidiana com a qual os adultos falam com ela. Sunderland (2005, p. 26) explica que a linguagem comum deixa escapar a experiência central e a história terapêutica utiliza a via contrária: “é uma forma profunda de descrição e evocação do mundo interior da criança, com suas imagens e sentimentos”.

O pensamento de Radino (2013) é reafirmado por Corso e Corso (2006, p. 304), que explicam que “a ficção, infantil ou adulta, supre os indivíduos de algo que não se encontra facilmente em outros lugares: todos precisamos de fantasia, não é possível viver sem escape. Para suportar o fardo da vida comum, é preciso sonhar”.

Quando ouvimos, criamos ou contamos uma história descobrimos a magia da ficção. Nos transportamos para um mundo de fantasia que pode servir como mediador, onde aprendemos a lidar com a realidade. As bruxas, fadas, ogros, príncipes, tapetes voadores, dragões, gigantes, favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo. Isso é o encantador dos contos de fadas, pois eles nos questionam, nos angustiam, nos põem em processo de produção. (PEREIRA E LEMOS, 2013, p. 106).

A história terapêutica é importante, pois traz alívio para a criança que a escuta e se identifica com aquilo que é contado. Sunderland (2005, p. 33) expõe que “uma boa história terapêutica pode ser um verdadeiro apoio emocional para a criança. Você sabe que isso está acontecendo quando ela diz: “Leia de novo”. A mesma autora cita que quando a criança pede que a história seja repetida muitas vezes é um bom sinal, pois quer dizer que as mensagens que são passadas por meio da história estão sendo captadas, compreendidas e apropriadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto pode-se observar que a pesquisa referente aos contos de fadas é de grande importância, já que une-se a um tema recorrente e bastante investigado, o qual embora muito estudado tem mostrado-se incapaz de se esgotar: a infância. O presente trabalho buscou compreender como a criança utiliza dos contos de fadas como auxiliares em seu processo de desenvolvimento, usando-os como material de apoio para conseguir ultrapassar as dificuldades apresentadas em seu mundo real.

Por fim, é necessário dizer que os contos de fadas exercem função terapêutica justamente por

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

seus personagens “emprestarem” sua voz à criança, a qual identifica nas histórias os dilemas existenciais pelos quais está passando. Segundo Pereira e Lemos (2013, p. 108), as histórias oferecem às crianças “experiências de memorização e utilização do pensamento para tratar de conflitos internos, tendo como objetivo uma melhor gestão da angústia”. Além disso, permitem que a criança viaje no tempo, saindo da realidade na qual está inserida e podendo transportar-se para outros mundos, os quais, por meio da imaginação, darão auxílio e conforto necessários para que seja possível ultrapassar dificuldades apresentadas no real.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Thaís de; RODRIGUES, José Carlos. 2015. **Quem conta o conto:** os contos populares do Antigo Regime à mídia globalizada. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3729-1.pdf> Acesso em: 01/set/2018.

CORSO, Diana; CORSO, Mario. 2006. **Fadas no Divã:** Psicanálise nas Histórias Infantis - Porto Alegre: Artmed.

FALCONI, Isabela Mendes; FARAGO, Alessandra Corrêa. 2015. **Contos de Fadas:** origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200330.pdf> Acesso em: 01/set/2018.

FREUD, Sigmund. **Um caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos** (1901 - 1905) 1996. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. - Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GONÇALVES, Maria das Graças Ferreira; BRAGA, Ana Aparecida Nascimento Martinelli. 2015. **Era uma vez:** Os contos de fadas como recurso terapêutico com crianças hospitalizadas. Disponível em: Acesso em: 15/09/2018

GUTFREIND, C. **O terapeuta e o lobo:** a utilização do conto na psicoterapia da criança. Rio de Janeiro: Artes e Ofícios; 2010.

MACHADO, Daniele Toledo. 2012. **Onde moram as fadas?** Da origem a permanência no imaginário infantil. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/8496/1/DanieleToledoMachado.pdf> Acesso

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

em: 05/set/2018.

PEREIRA, Veruska Oliveira Bonete; LEMOS, Moises Fernandes. 2013. **A função terapêutica dos contos de fadas: sentimentos e conflitos humanos.** Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/28086> Acesso em: 05/09/2018

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. 2009. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200009 Acesso em: 30/set/2018

SUNDERLAND, Margot. 2005. **O Valor Terapêutico de Contar Histórias: Para as Crianças: Pelas Crianças.** - São Paulo: Cultrix.

WINNICOTT, Donald. **Os Bebês e suas Mães.** 1988. - 4º ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 - (textos psicológicos).

[1] Utiliza-se o termo “cuidador” pois nem sempre os pais poderão ou terão o desejo de estar presente na vida dos filhos, sendo assim, o termo foi utilizado para referir-se a todos aqueles que possam desempenhar papéis importantes na vida de uma criança, como avós, tias, etc.

[2] Winnicott fala sobre a preocupação materna primária, onde as mães tornam-se capazes de colocarem-se no lugar do bebê, o que possibilita compreenderem as necessidades básicas da criança recém-nascida (1988, p. 30).

[3] Como já citado, a mãe assume diversas faces nas histórias infantis. Corso e Corso (2006, p. 111) citam que “a madrasta é um qualificativo transitório da mãe”. Para as crianças pequenas, quando a mãe não age da forma esperada, é comum enxergá-la como uma bruxa horripilante, que se contrapõe à madrinha, a mãe boa. Também é necessário ressaltar que existem mães “engolidoras”, que dominam toda a vida da criança, não deixando espaço para ela emergir dessa relação e tornar-se um sujeito independente. A mãe toma conta da vida inteira de seu filho, decidindo o que ele irá comer, vestir, do que irá brincar, enfim, sufocando a criança e mantendo-a dentro da “bolha maternal”, onde possui o filho só pra si.

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2019

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXIV Jornada de Pesquisa

[4] Ou podendo ser chamado de sugar com leite.